

# **CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CRÍTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM SALA DE AULA**

*Amanda Moura de Oliveira<sup>1</sup>, Dayse de Souza Lourenço Simões<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia, Campus Londrina/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Programa Voluntário de Iniciação Científica (PVIC/UniCesumar). amandamoura53@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora, Doutora, Docente do curso de Pedagogia, Campus Londrina/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR.

## **RESUMO**

A pesquisa visa produzir uma sequência didática para trabalhar a comunicação oral por meio da regionalidade presente na poesia “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré. Como objetivos específicos estabeleceu-se: conhecer a Literatura de Cordel e analisar os aspectos regionais presentes no Cordel de Patativa do Assaré; relacionar a temática regional do Cordel com a abordagem da pedagogia Histórico-Crítica; criar uma sequência didática para trabalhar gêneros discursivos orais. Para tanto, alicerça-se em uma revisão bibliográfica acerca da sequência didática, embasada na Histórico-Crítica, e em suas contribuições para o desenvolvimento da oralidade e criticidade do aluno por meio de atividades sistemáticas que contribuem com a construção progressiva do conhecimento e posterior apropriação do gênero. A sequência didática estrutura-se em quatro etapas: apresentação da situação; produção inicial; os módulos e a produção final, buscando integrar o conteúdo científico trabalhado em sala com a realidade do aluno, promovendo, por meio da reflexão, a sua formação social. Logo, a relevância desta pesquisa está na proposta de elaboração de um modelo de sequência didática que trabalhe o Cordel sob a perspectiva Histórico-Crítica, servindo de instrumento para o processo de ensino e aprendizagem, o domínio das situações de comunicação, dos gêneros textuais e a valorização da cultura popular brasileira com o resgate de uma importante ferramenta de alfabetização para o povo nordestino, responsável por dar voz àqueles que não tinham. Espera-se, portanto, contribuir com o desenvolvimento da oralidade por meio do Cordel promovendo reflexões sobre a sua realidade favorecendo o seu desenvolvimento social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de Cordel; Oralidade; Pedagogia Histórico-Crítica.

## **1 INTRODUÇÃO**

Vigotski traz, em sua teoria Histórico-Cultural, a concepção de que o indivíduo é produto de uma construção histórico-cultural, entendendo que o seu desenvolvimento ocorre de fora para dentro, vendo as experiências vividas como um aspecto fundamental para o seu desenvolvimento. Logo, a escola adquire um papel fundamental em potencializar e impulsionar o desenvolvimento do sujeito, apresentando as diferentes manifestações culturais e históricas produzidas pela sociedade (MELLO; FARIAS, 2010).

Como sujeito inserido dentro de uma sociedade em que a cultura molda a sua forma de pensar, o conhecimento passa a ser entendido como um processo iniciado antes da escola, nas relações com o outro e com o meio. Com isso, a sequência didática vem para proporcionar um olhar atento às dinâmicas em sala de aula, fortalecendo o entendimento de que o conhecimento se faz tanto individual quanto coletivamente, em um eterno processo de escuta de si e do outro.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 67) traz a importância de ampliar as “possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campo de atividades humanas”. Com isso, é na escola que a criança entrará em contato com os diferentes tipos de gêneros orais e escritos produzidos pela humanidade, dos clássicos aos populares. Todavia, para que a aprendizagem ocorra de forma eficaz, os conteúdos em sala de aula precisam dialogar com a realidade vivida pelos alunos, pois, quando ele entende o seu significado, adquire a necessidade de aprender aquilo. Nesse sentido, a Literatura de Cordel proporciona a ponte entre escola e comunidade, abordando assuntos

da sociedade de forma poética, desenvolvendo, no aluno, um olhar crítico para os problemas sociais, valorizando a sua voz.

Newton Duarte (2006, p. 615) defende que a educação deve perseguir a “universalização do acesso ao que mais rico exista na ciência e na arte por parte de todos os filhos da classe dominada (posto que os filhos da classe dominante já têm esse acesso assegurado)”. É nesse aspecto que a Pedagogia Histórico-Crítica, de Saviani (2013), defende que a escola deve estar a serviço das classes populares, buscando valorizar os seus interesses e oferecendo as ferramentas necessárias para que eles se desenvolvam com autonomia para atuar e interpretar a sociedade. Assim, a Literatura de Cordel contribui com o fortalecimento do trabalho com as práticas orais em sala de aula, desenvolvendo a oralidade nos alunos, a consciência crítica e a valorização da regionalidade brasileira, ampliando o repertório e colocando os alunos em contato com um gênero que possui uma função oral e social importante.

Durante o programa voluntariado do Mais Alfabetização, a autora observou a dificuldade por parte dos alunos em se expressarem oralmente, assim como a falta de atividades voltadas às práticas orais e de atividades que coloquem os alunos para refletir e analisar sobre as situações sociais, os inserindo dentro do processo, focando somente em atividades mecânicas e de memorização.

Partindo da questão norteadora: trabalhar a cultura popular brasileira em sala de aula, abordando temas do contexto do aluno, favorece o desenvolvimento tanto da sua prática oral quanto da sua criticidade e reflexão sobre a própria realidade?. Diante dessa questão, são apresentadas as hipóteses: i) o gênero Literatura de Cordel beneficia o desenvolvimento da oralidade no aluno; ii) promove o interesse pela cultura popular e desenvolve a autonomia no aluno; iii) contribui no processo de desenvolvimento da consciência crítica acerca dos problemas sociais do seu cotidiano, pois, é um gênero que dialoga com os assuntos do seu cotidiano e iv) um gênero literário quando organizado e trabalhado de forma sistemática e processual, tendo seus objetivos definidos entre professor e aluno, favorece no domínio do gênero assim como na melhora das relações em sala de aula.

Neste cenário, esta pesquisa objetiva propor uma sequência didática para trabalhar a comunicação oral por meio da regionalidade presente na poesia de Cordel. Com os objetivos específicos: i) conhecer a Literatura de Cordel e analisar os aspectos regionais presentes no Cordel de Patativa do Assaré; ii) relacionar a temática regional do Cordel com a abordagem da Pedagogia Histórico-Crítica e iii) propor uma sequência didática para trabalhar os gêneros discursivos orais.

Para tanto, esta pesquisa, seguindo a metodologia de pesquisa bibliográfica, fundamentada nos pressupostos teóricos de Marconi e Lakatos (2003) e Severino (2008), busca, nos referenciais teóricos, conhecer o cenário de inserção do objeto, refletindo sobre as problemáticas das práticas da oralidade encontradas em sala de aula e nas relações estabelecidas entre aluno e conteúdo. Ainda, no intuito de elaborar uma sequência didática para o 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, para o domínio do gênero Literatura de Cordel, desenvolvendo a criticidade e a oralidade no aluno por meio do Cordel de Patativa do Assaré “Cante lá que eu canto cá”.

Para fundamentar e alicerçar as discussões/reflexões teóricas acerca da temática proposta, foram estudados os conceitos dos teóricos Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Galvão (2006) e Saviani (2013). Sendo assim, o desenvolvimento do trabalho se dividiu em cinco etapas, são elas: Procedimentos Metodológicos; Literatura de Cordel; Sequência Didática; Pedagogia Histórico-Crítica e Sequência Didática para o gênero Literatura de Cordel.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Fundamentada na metodologia de pesquisa bibliográfica, seguindo os pressupostos teóricos de Marconi e Lakatos (2003), compreende as fases de: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação. Para Severino (2008, p. 122), pesquisa bibliográfica é “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. Com isso, a pesquisa pauta-se em contribuições de outros pesquisadores sobre o tema.

Iniciando pela escolha do tema sob título “Cante lá que eu canto cá: uma abordagem Histórico-Crítica para o desenvolvimento da oralidade em sala de aula”, distinguindo o sujeito, a realidade na qual se quer pesquisar, do objeto da questão, o tema da pesquisa. O próximo passo foi a elaboração do plano de trabalho, estruturado por: introdução, que contém o tema de pesquisa, sua importância, o que pretende alcançar e o porquê de trabalhar com o gênero Cordel; desenvolvimento, definindo a metodologia usada, o conhecimento sobre o que é Literatura de Cordel e como se estrutura a sequência didática e conclusão, a síntese de toda a reflexão feita durante a pesquisa.

Na etapa de identificação, aprofundou-se sobre o tema de pesquisa, por meio dos referenciais bibliográficos referentes à Literatura de Cordel, sequência didática, gêneros discursivos e estudos sobre a oralidade nas fontes de informação eletrônica como: periódicos científicos; dissertações e teses; livros; folhetos; sites de busca especializada como a biblioteca virtual da Unicesumar. Após esse levantamento, na etapa de localização e compilação, compilou-se os materiais pertinentes ao seguimento da pesquisa, tendo como embasamento os estudos de Diégues Junior (1975); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); Galvão (2006); Saviani (2013).

A pesquisa tem como produto a elaboração de uma sequência didática para o trabalho com a oralidade em sala de aula por meio da Literatura de Cordel, com o Cordel “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré (2014). Seguindo as etapas propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004): apresentação da situação; produção inicial; módulos e produção final.

### 2.2 A LITERATURA DE CORDEL

A Literatura de Cordel tem sua origem na Europa, chegando ao Brasil por meio dos portugueses que se instalaram na Bahia, tendo seu apogeu, entre as décadas de 30 e 60, em Pernambuco. Inicialmente conhecida como literatura popular e como folheto, foi batizado de Literatura de Cordel pelos estudiosos da época que a compararam a um tipo de literatura similar encontrada em Portugal e pelo significado da palavra cordel, barbante, que era a forma em que os cordéis eram pendurados e postos à venda, o que acontecia em algumas regiões do Brasil. Dessa forma:

Dão-se esses nomes, assim, a uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, predominantemente, em alguns Estados da região Nordeste. Embora caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, o cordel é necessariamente impresso, distinguindo-se de outras formas de poesia oral, como as pejeas e desafios. “cantados” pelos cantadores ou repentistas (GALVÃO, 2006, p. 2017).

De acordo com Galvão (2006), não há um consenso entre os estudiosos da relação do Cordel português com o brasileiro, visto que alguns autores afirmam que o Cordel brasileiro possa ter relação com as poesias orais já existentes no Brasil, como as pejeas e

os desafios, ou com as outras formas de expressão oral do período colonial como os bandos, grupo de pessoas que percorriam as cidades a cavalo com cornetas e tambores anunciando festas populares e, também, críticas às figuras importantes da sociedade e às autoridades.

Havia, nesse momento no Brasil, uma alta diversidade cultural, como a indígena, africana e de outros povos, que transmitiam seus conhecimentos e ensinamentos por meio da oralidade. Dessa forma, entende-se que a Literatura de Cordel no Brasil tenha sofrido influência não só do Cordel português, mas das poesias orais, da transmissão oral de histórias, dos pregões e de outros modos presentes na sociedade do Brasil colonial e imperial (GALVÃO, 2006). O Cordel encontrou o seu apogeu entre as décadas de 30 e 50, pois, com o surgimento das redes de produção e distribuição de folhetos, o poeta não era mais exclusivamente o editor dos seus cordéis.

Ao que se refere às temáticas do Cordel, os temas são infinitos, indo desde os acontecimentos políticos e do cotidiano, às aventuras de heróis. Alguns autores tentam classificar as temáticas do Cordel em tipologias. Segundo Galvão (2006), uma classificação significativa é a feita por Diégues Junior (1975) que se baseou nas classificações brasileiras de Cavalcanti Proença e Ariano Suassuna. Procurando harmonizar e simplificar as duas classificações dos autores, partiu dos assuntos mais constantes presentes nos cordéis. Chegando à classificação em três grupos, os dois primeiros com os temas mais constantes e o último com as poesias cantadas.

No primeiro grupo, se encontram os temas tradicionais, como os romances e as novelas, contos maravilhosos, anti-heróis, entre outros. No segundo grupo, se encontram os fatos circunstanciais ou acontecidos, com temas de natureza física – como enchentes, seca etc. –, repercussão social, crítica e sátira, figuras importantes da sociedade como Vargas e Lampião etc. No último grupo, estão as cantorias e as pelejas, eles não possuem um tema em específico visto que correspondem ao momento em que dois cantadores travam um embate poético em que usam todo o seu conhecimento e repertório.

Quanto à estruturação do Cordel, uma das partes fundamentais na sua construção é a métrica. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC, 2020) distinguiu e caracterizou os tipos de métricas presentes nos folhetos, chegando a dez principais tipos, são eles: parcela ou verso de quatro sílabas; verso de cinco sílabas; estrofes de quatro versos de sete sílabas; sextilha; setilhas; oito pés de quadrão ou oitavas; décimas; martelo agalopado; galope à beira mar; meia quadra.

Desde o seu surgimento, o Cordel tem sido uma ferramenta importante para a alfabetização e incentivo à leitura para a população nordestina. De forma que o Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, criado pelo poeta Arievaldo Viana em 2002 e adotados nas aulas da EJA de Canindé, foi retomado em 2010 sendo responsável por revitalizar e levar, para as salas de aula do Brasil, o Cordel como ferramenta paradidática na alfabetização. Desse modo, o Cordel vem para estimular o hábito da leitura, colocando o aluno em contato com a expressão da cultura popular brasileira (TV ESCOLA, 2010, p. 21).

## 2.3 PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

A educação, no início da década de 80, foi marcada pela crítica ao ensino mecânico e reprodutor, enraizado no Tecnicismo do Regime Militar, e o anseio em buscar alternativas para a educação. Com o restabelecimento das eleições diretas no início da década, houve a possibilidade de a oposição formular uma política educacional que se ajustasse aos novos ideais.

Com isso, surge a necessidade em propor uma crítica superadora e não contestadora da educação, que buscasse direcionar as práticas pedagógicas para

transformar as desigualdades presentes na sociedade. De forma que, Saviani (2013, p. 101) buscou

[...] uma teoria que procura compreender os limites da educação vigente e, ao mesmo tempo, superá-los por meio da formulação dos princípios, métodos e procedimentos práticos ligados tanto à organização do sistema de ensino quanto ao desenvolvimento dos processos pedagógicos que põem em movimento a relação professor-aluno no interior das escolas.

Essa concepção foi chamada, por Saviani (2013), de Pedagogia Histórico-Crítica, pois, para ele, o termo fazia sentido com as críticas à falta de uma teoria que se pautasse nas transformações históricas da sociedade. Essa pedagogia vem em contraposição à concepção crítico-reprodutivista que estava em destaque no cenário educacional. Dessa forma, ela é uma crítica enraizada na história, na busca por uma proposta pedagógica que ouvisse as demandas sociais da educação associando o trabalho pedagógico com as relações sociais, visto que, a educação está pautada na dialética das relações sociais, atuando como um instrumento de transformação social, porque “só se pode mudar a cultura mudando as bases da própria sociedade” (SAVIANI, 2013, p. 114).

O autor fundamenta teoricamente a sua pedagogia em dois pontos: na dialética das relações de transformação e na dialética do movimento real. Compreendendo que a sociedade é o resultado das transformações histórico-culturais e, pautados no materialismo histórico, busca compreender e explicar os processos de transformações que acontecem na sociedade. Desde as dinâmicas das relações sociais até as dinâmicas educacionais.

Com isso, Saviani (2013) busca articular educação e sociedade tendo a escola como articuladora dos interesses, estando a serviço das classes populares na busca por valorizar os seus interesses. De modo que, a Literatura de Cordel vem para colocar o aluno em contato com as produções culturais da sociedade, ao mesmo tempo em que desmistifica a ideia de que o conhecimento só é produzido em ambientes acadêmicos, colocando a população como os sujeitos da ação.

Conforme explicita Saviani (2013), a educação deve estar a serviço das transformações sociais e não das relações de produção. De modo que trabalhar com o gênero Literatura de Cordel é valorizar a voz da classe dominada, trabalhando sob a perspectiva de quem vivencia diariamente os problemas sociais, propondo, assim, o diálogo entre aluno, texto e realidade, resgatando, nesse processo, a regionalidade brasileira.

Para isso, o autor busca compreender o método pedagógico com base na concepção marxista de que o conhecimento acontece pela “[...] passagem da síntese à síntese, pela mediação da análise” (SAVIANI, 2013, p. 120). Dessa forma, o “desenvolvimento deixa de ser entendido como natural e passa a ser entendido como cultural, social e historicamente condicionado” (MELLO; FARIAS, 2010, p. 55).

Com isso, trabalhar sob a perspectiva do método dialético, para Vasconcellos (1992), é entender que, como sujeitos históricos sociais, o conhecimento deve ser adquirido por meio da relação com o meio. Logo, “o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, re-elaborado, pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial” (VASCONCELLOS, 1992, s.p.).

Dentro dessa concepção dialética, o conhecimento é construído pelo sujeito por meio da sua relação com os objetos, de forma que, “[...] a educação é vista como mediação no interior da prática social global. A prática é o ponto de partida e o ponto de chegada” (SAVIANI, 2013, p. 120). Com isso, a educação “[...] não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática” (SAVIANI, 2013, p. 234).

Como sujeitos inseridos em uma sociedade movida pela cultura, o trabalho em sala de aula deve envolver um processo de mediação contínua. O que é evidenciado por Saviani (2013) no seu texto “Escola e Democracia II – para além da teoria da curvatura da vara” em três momentos: problematização; instrumentalização; catarse. Que compõem os cinco passos propostos na Pedagogia Histórico-Crítica - prática social; problematização; instrumentalização; catarse; prática social final – articulando os interesses presentes na sociedade na busca por valorizar a escola e com a criação de métodos eficazes que vinculem educação e sociedade.

Nesse sentido, ambos, Pedagogia Histórico-Crítica e sequência didática, veem o conhecimento como algo a ser adquirido processualmente, por meio da relação dialética entre professor e aluno, tendo o aluno um papel ativo dentro do processo. De forma que a educação atue em cima dos interesses dos alunos concretos, dos conhecimentos históricos e culturais produzidos pela sociedade, que são herança das gerações anteriores e importantes para que ele se insira e atue na sociedade. É nesse âmbito, também, que se situam os conhecimentos sistematizados, no qual o aluno deve entrar em contato. Portanto, a educação deve atuar de forma a possibilitar ao aluno o contato com os conhecimentos mais elaborados, fornecendo subsídios que possibilite que ele se torne agente ativo no seu processo de desenvolvimento e de transformações das relações sociais.

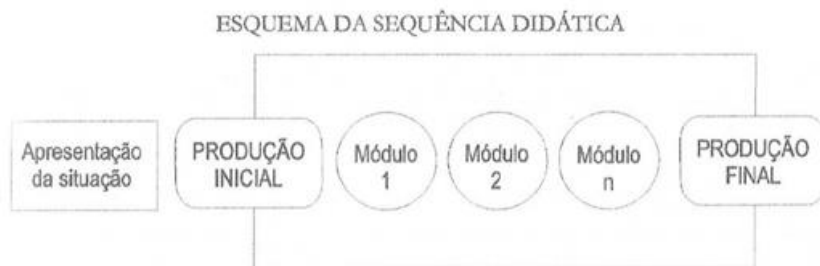
## 2.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O conceito sequência didática surgiu na França, em 1996, por estudiosos francófonos como uma tentativa de superar as problemáticas do ensino de línguas. É definida “como uma abordagem que unifica os estudos de discurso e a abordagem dos textos, implicando uma lógica de descompartmentalização dos conteúdos e das capacidades: elas deveriam englobar as práticas de escrita, de leitura e as práticas orais” (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006, p. 554). Eles tinham a intenção de propiciar um ensino descompartmentalizado, com o planejamento de procedimentos que permitisse o trabalho com os conteúdos de forma integrada, e com atividades de aprendizagens sobre os diferentes tipos de gêneros discursivos.

No Brasil, a sequência didática foi incluída com os pesquisadores na LAEL (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) da PUC-SP como Rojo, Magalhaes e Machado, na década de 90. Contudo, foi a partir da promulgação dos PCNs de Língua Portuguesa, em 1998, que a sequência didática passou a ganhar mais legitimidade e importância dentro da comunidade científica, pois, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) previa a inserção de atividades voltadas ao estudo dos gêneros seguindo os Parâmetros, com isso, surge a necessidade de criar um modelo didático para o trabalho com o gênero (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006).

Foi com a obra de Schneuwly, Dolz e colaboradores, em 2004, que os ensinamentos dos gêneros orais e escritos ganharam destaque nas discussões sobre o ensino de língua no Brasil, pois, até então, a sequência didática era usada para o ensino da língua portuguesa. De forma que os autores propõem o planejamento do ensino com base na sequência didática, entendida como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...]” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHEUWLY, 2004, p. 82-83).

A sequência didática proposta pelos autores segue uma estrutura baseada em quatro etapas, como ilustrado no esquema a seguir:



**Figura 1:** Sequência didática

**Fonte:** Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 97

Nesse sentido, para estruturar uma sequência didática, deve-se seguir quatro etapas: apresentação da situação; produção inicial; módulos; produção final. A primeira etapa, apresentação da situação, envolve a apresentação em detalhes do gênero a ser trabalhado, inserindo o aluno na situação de comunicação que ele dominará e produzirá no final, e tem como objetivo que ele conheça mais o gênero e a linguagem a que ele se refere. Nessa etapa, os alunos deverão compreender as características do gênero, respondendo a quatro questões: qual é o gênero? Quem será o destinatário da produção? Que forma ele assumirá? Quem produzirá?. E a compreensão dos elementos que o compõem, como: os personagens; cenário; as ações etc.

A segunda etapa, produção inicial, refere-se à primeira produção textual do gênero. Permite que o professor avalie o que os alunos já sabem, como também, ajuste a etapa seguinte da sequência, que definirá o que os alunos precisam aprender para dominar o gênero proposto. Dessa forma, a produção inicial permite ao professor compreender as capacidades e as potencialidades dos alunos. Quando baseada em critérios bem definidos, possibilita, ao professor, avaliar em que estado se encontra a turma e quais as suas dificuldades. Considerada pelos autores como a essência da avaliação formativa, motivando aluno e professor.

A terceira etapa, os módulos, elaborada após a avaliação feita na etapa anterior, é composta por atividades e/ou exercícios que servirão de instrumentos para o domínio do gênero. Nessa etapa, serão trabalhados os elementos que compõem o gênero e os problemas surgidos na etapa anterior. Cada módulo é composto por um conteúdo que será trabalhado de forma sistemática e aprofundada, trabalhados do mais simples ao mais complexo. Um ponto importante dentro dos módulos é o trabalho com atividades diversificadas, pois, cada aluno tem um ritmo e uma forma de aprendizagem, com isso, as atividades permitem que todos os alunos entrem em contato com os diferentes instrumentos e noções que vão potencializar o seu aprendizado.

A última etapa da estruturação da sequência é a produção final. Trata-se do momento em que os alunos colocarão em prática todo o conhecimento adquirido durante as etapas anteriores, permitindo também que o professor avalie se o gênero foi dominado por eles. De modo que, a aprendizagem por sequência possibilita que o aluno tenha um controle maior sobre a sua aprendizagem, fornecendo subsídios para que ele produza os textos.

A avaliação que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem para a sequência didática é entendida como uma questão de comunicação e troca, pois, no início da sequência, o professor deve deixar explícitos os critérios da avaliação a que os alunos serão submetidos. Servindo, portanto, não só como uma forma de avaliar o aluno, mas também como forma de observar se os conteúdos foram aprendidos por todos. Sendo possível planejar as próximas atividades e quais conteúdos precisarão ser retomados para uma melhor assimilação por parte do aluno. Dessa forma, se avalia todo o processo de domínio do gênero e não somente o resultado.

Portanto, a sequência didática não segue um modelo de planejamento pré-determinado, pois depende das necessidades de aprendizagem dos alunos. O que faz com que o professor tenha clareza sobre os conteúdos que a turma precisa aprender para dominar o gênero e quais atividades deverão ser realizadas que permitam alcançar esse objetivo.

## 2.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL

O Cordel foi e ainda é uma ferramenta importante para a alfabetização da população nordestina. Um exemplo disso é o Projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula” de Arievaldo Viana criado em 2002, que foi retomado em 2010 e difundido para outros estados brasileiros. Dessa forma, a Literatura de Cordel vem para potencializar o trabalho com a alfabetização e as práticas da oralidade em sala de aula, ao mesmo tempo em que traz a cultura popular brasileira para a escola, resgatando e valorizando a regionalidade de um povo marginalizado.

Na teoria Histórico-Cultural, de Vigotski, a aprendizagem deve partir da necessidade do sujeito, tendo o educador um papel fundamental em entender e mediar os conteúdos significativos para ele. Dessa forma, para uma aprendizagem significativa, os conteúdos precisam fazer sentido para o aluno, instigando-o a refletir criticamente sobre ele. É nesse sentido que Saviani (2013) propõe que a educação seja pautada nos interesses do aluno concreto, âmbitos dos conhecimentos sistematizados produzidos historicamente pela sociedade, pois, como o indivíduo está inserido dentro de uma sociedade e é influenciado pelos seus interesses culturais, é importante que ele conheça, compreenda e domine não só esses interesses, mas todos os conhecimentos históricos culturais produzidos por todas as culturas, visto que a escola deve ser um ambiente que proporcione ao aluno o contato com os diversos conhecimentos e não só os considerados clássicos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) aponta que, na etapa do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o aluno está construindo a sua identidade dentro do coletivo, se compreendendo como um sujeito com suas particularidades e identidade cultural própria e que, portanto, precisa entender e valorizar a cultura na qual faz parte. Dessa forma, foi proposta uma sequência didática para o gênero Literatura de Cordel para uma turma do 5º ano, composta por 15 aulas para o domínio do gênero por meio do Cordel “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré. Com atividades que promovem o desenvolvimento da oralidade, da análise e criticidade, com a valorização da regionalidade brasileira e da cultura popular.

Etapa 01 – Apresentação da Situação (três aulas):

- Aula 01 (Apresentação do gênero - EF15LP02). Como: Roda de conversa sobre Cordel. Objetivo: Levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que eles entendem/conhecem sobre Cordel.
- Aula 02 (Origem e análise de Cordéis - EF15LP01; EF15LP03; EF15LP15). Como: Exposição/explicação. Objetivo: Apresentar a origem da Literatura de Cordel; Apresentar exemplos de Cordéis; Analisar e discutir as percepções do cordelista por trás do cordel “Cante lá que eu canto cá”.
- Aula 03 (Estruturação do Cordel - EF15LP09; EF15LP10). Como: Exposição/explicação. Objetivo: Explicar a estruturação do Cordel, focando nas rimas e na composição por estrofes (usar como exemplo o cordel “Romance do Pavão Misterioso”; Desenvolver a oralidade com a leitura dos Cordéis.

Etapa 02 – Produção Inicial (duas aulas):



- Aula 01 (Produção Inicial - EF15LP05) – Como: Criação do primeiro Cordel com a temática “Minha comunidade”. Objetivo: Retomar os conceitos importantes para a produção do Cordel; Identificar e sanar dúvidas; Analisar as percepções dos alunos em relação aos problemas encontrados em seu cotidiano.
- Aula 02 (Feedback). Como: Roda de conversa para discutir sobre a produção. Objetivo: Analisar as dificuldades encontradas e o que eles mais gostaram; Discutir o feedback das produções; Explicar como serão as aulas seguintes, divididas em módulos qual o objetivo das aulas (falar da importância do Cordel como fonte de informação e voz para o povo nordestino) e como serão avaliados.

Etapa 03 – Módulos (cinco módulos):

- Aula 01 (Módulo 1: A Criticidade no Cordel - EF05HI03; EF05HI09; EF35LP22; EF35LP29). Como: Explicação, discussão e análise por meio da música do Cordel “Cante lá que eu canto cá”. Objetivo: Ler o Cordel “Cante lá que eu canto cá” analisando o local em que se passa a história e sobre o que ele se trata; Analisar a importância do Cordel para a formação cultural da população; Descobrir o que eles sabem sobre o sertão e a cultura do Nordeste.
- Aula 02 (Módulo 2: Sertão e Londrina - EF05GE02; EF05GE04; EF05HI09). Como: Exposição/explicação, discussão e análise. Objetivo: Analisar e comparar as características da zona urbana (Londrina) e a zona rural (Sertão); Analisar as desigualdades sociais presentes na região Nordeste comparando com as desigualdades encontradas em Londrina; Compreender o contexto social do Sertão; Discutir sobre os assuntos presentes no Cordel que também são presentes no contexto dos alunos.
- Aula 03 (Módulo 3: Rima e Métrica - EF15LP09; EF15LP11; EF35LP28). Como: Roda de conversa e análise do Cordel “Romance do Pavão Misterioso”. Objetivo: Observar a estruturação usada nos versos do Cordel; Compreender o que é rima e a sua importância em trazer ritmo ao Cordel; Conhecer o tipo de métrica usada para escrever o Cordel.
- Aula 04 (Módulo 4: Oralidade - EF15LP11; EF15LP12; EF35LP11; EF35LP28). Como: Roda de conversa e prática de oralização de Cordéis, com análise com a análise da música “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré. Objetivo: Trabalhar a leitura oral do Cordel, respeitando a entonação, gestos, pausas etc.; Analisar a declamação do cordelista Patativa do Assaré e de outros cordelistas prestando atenção a sua forma de se expressar e nas características regionais na fala.
  - Aula 05 (Módulo 5: Xilogravura - EF15AR03; EF15AR03; EF15LP14; EF15LP18). Como: Exemplos de capas de Cordéis e aula prática para a criação de uma capa usando como matriz a bandeja de isopor. Objetivo: Compreender a técnica de Xilogravura; Relacionar as capas com a história presente no corpo do Cordel; Aprender a fazer uma capa.

- Etapa 04 – Produção Final (três aulas):

- Aula 01 (Produção do Cordel - EF05LP12; EF15LP05). Como: Retomada dos conteúdos e criação do primeiro rascunho do folheto com a temática “Problema do Cotidiano” com o ponto de vista dos alunos sobre um problema observado. Objetivo: Organizar e aplicar os conhecimentos adquiridos nos módulos na criação do Cordel.
- Aula 02 (Análise e Reescrita - EF15LP06). Como: Em dupla, troca e análise dos textos produzidos; Discussão sobre as produções e a reescrita do texto revisado. Objetivo: Analisar o texto produzido, observando as rimas e a sua estruturação; Refletir sobre as próprias produções e as produções dos colegas, corrigindo e aprimorando os textos.
- Aula 03 (Produção Final - EF15LP07; EF15AR04). Como: Reescrita final do Cordel e a confecção da capa em Xilogravura. Objetivo: Produzir um folheto com base nos conhecimentos adquiridos na sequência didática; Compreender a função da capa para o folheto.

Etapa extra (duas aulas):

- Aula 01 (Leitura Coletiva - EF15LP09; EF35LP28). Como: Exposição oral. Objetivo: Expressar oralmente o Cordel produzido para a turma; Valorizar e apreciar as produções da turma.
- Aula 02 (Exposição e Feedback). Como: Roda de conversa e exposição para a escola. Objetivo: Conversar sobre as experiências, ouvindo os pontos positivos e negativos levantados por eles que servirão de base para as próximas sequências; Expor os trabalhos produzidos na escola, pendurados no barbante do lado de fora da sala; Apreciar as produções feitas pelos alunos.

Com isso, o trabalho propõe a criação de uma sequência didática dividida em 15 aulas, para o domínio do gênero Literatura de Cordel, trabalhando em sala de aula com um gênero da cultura popular brasileira, refletindo sobre as percepções das situações vividas pelos alunos em seu cotidiano, desenvolvendo no processo a sua criticidade e a valorização da regionalidade brasileira.

As aulas serão divididas seguindo as quatro etapas propostas pelos autores. A primeira etapa acontecerá em três aulas, a segunda etapa em duas aulas, a terceira etapa se dividirá em cinco módulos, e a última etapa acontecerá em três aulas, organizadas em: primeira escrita; análise e reescrita e texto final. Tendo nas duas últimas aulas o foco na leitura coletiva dos cordéis, trabalhando a oralidade nos alunos e a exposição dos trabalhos, valorizando as produções feitas pelos alunos e inspirando outros professores a trabalharem com os gêneros populares, como o Cordel, em outras datas além das comemorativas como a semana do Folclore.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo demonstra a importância em desenvolver práticas pedagógicas que coloquem o aluno no centro do processo de desenvolvimento e aprendizagem, fazendo-o refletir sobre os problemas sociais presentes na sociedade de forma que ele analise de forma crítica os motivos por trás dessas situações, fornecendo subsídios para que eles adquiram a voz para mudar esse cenário, uma vez que a escola deve estar a serviço das classes dominadas, de modo a quebrar com a visão elitista e dualista de educação. De forma que se torna fundamental para o professor a compreensão do seu papel como mediador desse processo, e não o único detentor do conhecimento, entendendo que o conteúdo faz parte de um processo tanto coletivo quanto individual e deve ser desenvolvido de forma sistemática e contínua, transformando a sala de aula em um espaço acolhedor proporcionando um trabalho mais dinâmico e eficaz, pois, quando o conteúdo se relaciona

com o contexto social dos alunos, ele passa a ser significativo para ele, porque ele entende a necessidade de dominá-lo.

Nesse sentido, a sequência didática vem para evidenciar o papel ativo do aluno no seu processo de aprendizagem, melhorando as relações dele com o conteúdo, com os outros alunos e com o professor, pois, ela promove um ensino mais dinâmico, coletivo e inclusivo, com atividades diversificadas pensadas para a turma. Quando embasada na Pedagogia Histórico-Crítica, entende que o conteúdo é adquirido de forma processual e contínua tendo o aluno um papel ativo no processo, visto que, a escola é a articuladora dos interesses entre educação e sociedade, e dessa forma o conteúdo deve dialogar com o contexto dos alunos.

Com isso, o artigo buscou elucidar as contribuições que uma proposta pedagógica pensada e construída com e para o aluno promove a aprendizagem em sala de aula. Entendendo que o que importa é o processo de desenvolvimento do aluno e não o produto do seu trabalho, já que a escola deve formar alunos aptos a interpretar e transformar a sua realidade. Desde o início, a sequência didática deve ser um trabalho em conjunto entre professor e aluno, para que ambos entendam as dificuldades encontradas, qual o caminho que irão percorrer dali por diante e como eles serão avaliados durante todo o processo, de forma que, a aprendizagem aconteça de forma satisfatória. Assim, a pesquisa busca demonstrar que trabalhar em sala de aula com um gênero da cultura popular brasileira aproxima e melhora a relação aluno-conteúdo, fazendo-o não só se conectar com a regionalidade brasileira, mas levando-o a refletir e analisar o que acontece na sociedade. Nesse sentido, o artigo visa a criação de um modelo de sequência didática para o domínio do gênero Literatura de Cordel, visando o desenvolvimento da oralidade bem como a formação de um indivíduo crítico e autônomo. Com isso, o Cordel vem para salientar que todos os indivíduos, independentemente de sua formação acadêmica ou classe social, são capazes de compreender e transformar a sua realidade, resgatando e valorizando a voz de cada um na sociedade.

## REFERÊNCIAS

**ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL - ABLC.** Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <http://www.ablc.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ASSARÉ, P. **Cante lá que eu canto cá:** filosofia de um trovador nordestino. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 22 set. 2020.

DIÉGUES JUNIOR, M. **Literatura de Cordel** [Folheto]. Maceió – Alagoas: Oficinas da Imprensa Universitária, 1975.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

DUARTE, N. A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais: por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo ou relativismo cultural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 607-618, set/dez

2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 dez 2020.

GALVÃO, A. M. O. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Dossiê de Registro Literatura de Cordel**. Brasília: 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 10 jul. 2020.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 3, p. p. 547-573, out. 2010. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/349](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349). Acesso em: 18 jul. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, S. A.; FARIAS, M. A. A escola como lugar da cultura mais elaborada. **Educação (UFSM)**, v. 1, n. 1, p. 53-68, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1603>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 5, n. 2, p. 227-239, 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9713/7100>. Acesso em: 20 jul 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo; Cortez, 2008

TV ESCOLA. **Literatura de Cordel e Escola**. Ano XX. Boletim 16. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015231.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VASCONCELLOS, C. S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. **Revista de Educação AEC**, n. 83, abril de 1992.